

Maria Nadotti: Num dos teus primeiros livros, *Mais Um Dia de Vida — Angola 1975*, uma reportagem sobre a guerra em Angola, ainda inédito em Itália, escreveste: «é incorrecto escrever sobre as pessoas sem passar um pouco pelo que elas estão a passar»¹.

Em *O Império*, testemunhando a «modernização» de uma cidade, escreves: «Em frente ao hotel onde estou alojado, estão a demolir o antigo bairro de Erevan. Deitam abaixo casitas antigas, alpendradas, jardins suspensos, canteiros, caramanchões, minúsculos riachos e cascatas, beirais atapetados de flores, estacas envoltas num emaranhado de parras; derrubam escadas em madeira, destroem bancos colocados junto das paredes das casas, desmoronam arrecadações para lenha, galinheiros, portadas e cancelas. Desapareceu tudo. As pessoas olham para os *bulldozers* a avançarem sobre esta paisagem esculpida pelos anos (no seu lugar serão construídos os alicerces de um grande bloco habitacional em betão), a arrasarem e a reduzirem a escombros estes carreirinhos verdes, estes recantos abrigados e silenciosos. As pessoas observam e choram. E eu, ali no meio deles, choro também.»²

Em *La prima guerra del football e altre guerre di poveri*, numa espécie de digressão autobiográfica que traz à luz a natureza e a intensidade da tua dedicação de jornalista e escritor, escreves: «Em África, adoeci várias vezes porque os trópicos produzem tudo em

¹ *Mais um Dia de Vida — Angola 1975*, p. 49.

² *O Império*, p. 103. [Não literal]

excesso, de forma exagerada... Não há escapatória: se queremos chegar aos cantos mais obscuros, traiçoeiros e intactos desta terra, temos de estar dispostos a pagá-lo com a saúde, se não mesmo com a vida. No fundo é o que acontece com todas as paixões arriscadas... Alguns resolvem a situação com uma existência paradoxal, ou seja, assim que chegam a África refugiam-se num bom hotel, nunca saem dos bairros dos brancos e, embora estejam em África do ponto de vista geográfico, na realidade continuam a estar na Europa, num seu sucedâneo em formato reduzido. Seja como for, trata-se de um expediente indigno de um verdadeiro viajante e impraticável para um correspondente que deve viver tudo na sua própria pele.»³

A tua obra mais recente, *Ébano — A Febre Africana*, é o retrato de uma África vista a partir de dentro e de baixo, a tentativa bem sucedida de uma observação participante e, a seu modo, militante das mil vidas de um continente que, para muitos, continua a não ser mais do que um imenso buraco negro no mapa do mundo.

Gostaria de te convidar a começar precisamente por este ponto: o relato e as motivações de um modo de agir jornalístico moldado por uma escolha ética muito forte e pela necessidade do risco, da experiência directa, da partilha.

Ryszard Kapuściński: Antes de mais, quero manifestar a minha grande alegria por estar aqui. Não é a primeira vez que participo num congresso de jornalistas aqui em Itália e tenho belíssimas recordações desses encontros. Em segundo lugar, gostaria de dizer que estou contente por ver tantos jovens. A nossa profissão precisa de novas forças, novas visões, nova imaginação, pois, nos últimos tempos, mudou de forma muito significativa. Vocês nasceram para levar adiante um trabalho que acabou de começar. O jornalismo está a atravessar uma grande revolução electrónica. As novas tecnologias facilitam enormemente o nosso trabalho, mas não o substituem. Todos os problemas da nossa profissão, as nossas qualidades, a nossa manualidade permanecem inalterados. Qualquer descoberta ou melhoramento técnico pode certamente ajudar-nos, mas não

³ *La prima guerra del football e altre guerre dei poveri*, p. 161.

pode substituir o nosso trabalho, a nossa dedicação ao mesmo, o nosso estudo, a nossa investigação e pesquisa.

No nosso ofício há alguns requisitos específicos muito importantes.

O primeiro é uma certa predisposição para aceitar sacrificar uma parte de nós. É uma profissão muito exigente. Todas o são, mas a nossa é-o de forma particular. O problema é que convivemos com ela 24 horas por dia. Não podemos encerrar o nosso expediente às quatro da tarde e ocuparmo-nos com outras coisas. Este é um ofício que toma toda a nossa vida, não há outra forma de exercê-lo, pelo menos, correctamente.

Há que dizer, é claro, que pode exercer-se de forma plena a dois níveis muito distintos.

A nível artesanal, como sucede com 90 por cento dos jornalistas, não difere em nada de um trabalho comum como o do sapaiteiro ou do jardineiro. É o nível mais baixo.

Mas existe outro mais elevado, o nível criativo, em que pomos um pouco da nossa identidade e das nossas ambições no trabalho que fazemos. E isso requer realmente toda a nossa alma, dedicação e todo o nosso tempo.

O segundo requisito da nossa profissão é o aprofundamento constante dos nossos conhecimentos. Há profissões em que vamos para a Universidade, obtemos o diploma e o estudo acaba ali. Devemos simplesmente gerir, para o resto da vida, o que aprendemos. No jornalismo, pelo contrário, a actualização e o estudo constantes são a *conditio sine qua non*. O nosso trabalho consiste em indagar e em descrever o mundo contemporâneo que está em permanente, profunda, dinâmica e revolucionária transformação. De um dia para o outro temos de acompanhar tudo isto e ser capazes de prever o futuro. Por isso, é necessário aprender e estudar constantemente. Tenho muitos amigos de grandes qualidades com quem comecei a exercer a profissão de jornalista e que, alguns anos mais tarde, desapareceram do mapa. Acreditavam muito nos seus talentos naturais, mas, na nossa profissão, essas capacidades esgotam-se muito depressa. De modo que ficaram sem recursos e deixaram de trabalhar.

Há um terceiro requisito importante para a nossa profissão: não a considerar um simples meio para enriquecer. Para esse fim exis-

tem profissões que nos permitem ganhar muito melhor e mais rapidamente. No início, o jornalismo não dá muitos lucros. Com efeito, quase todos os jornalistas principiantes são pessoas pobres e, durante vários anos, não gozam de uma situação financeira muito próspera. Trata-se de uma profissão com uma estrutura feudal definida: sobe-se na carreira com a idade e leva o seu tempo. Encontram-se muitos jovens jornalistas cheios de frustrações por trabalharem muito em troca de um salário tão baixo, depois perdem o emprego e se calhar não conseguem encontrar outro. Tudo isto faz parte da nossa profissão. Por isso, sejam pacientes e trabalhem. Os nossos leitores, ouvintes e telespectadores são pessoas muito justas que rapidamente reconhecem a qualidade do nosso trabalho e com igual rapidez começam a associá-lo ao nosso nome; sabem que esse jornalista lhes dará um bom produto. É a partir dessa altura que nos tornamos jornalistas estáveis. Não será o nosso director a decidi-lo, mas sim os leitores.

Contudo, para chegar até aqui são necessárias as qualidades de que falei no início: espírito de sacrifício e estudo contínuo.

A pergunta de Maria referia-se ao peso que a experiência pessoal tem no que se está a escrever. Depende. Na nossa profissão podem fazer-se variadíssimas coisas. Mas, com a idade, especializamo-nos numa carreira em particular.

Os jornalistas, de forma geral, dividem-se em duas grandes categorias: a dos «servos da gleba» e a dos directores. Estes são os nossos patrões, os que determinam as regras, os reis, os que decidem. Nunca fui director, mas sei que hoje não é necessário ser jornalista para assumir a chefia dos meios de comunicação. Com efeito, a maioria dos directores dos grandes jornais e presidentes dos grupos de comunicação social não são jornalistas, são grandes executivos.

A situação começou a alterar-se quando o mundo percebeu, há não muito tempo, que a informação é um grande negócio.

No início do século, a informação tinha duas faces. Podia visar a procura da verdade, a identificação do que realmente acontecia e informar as pessoas desses factos na tentativa de orientar a opinião pública. Para a informação, a verdade era a qualidade essencial.

O segundo modo de conceber a informação era tratá-la como um instrumento de luta política. Inicialmente, os jornais, as rádios, a

televisão eram instrumentos de diferentes partidos e forças políticas em luta pelos seus interesses. Assim, por exemplo, no século XIX, em França, na Alemanha ou em Itália, todos os partidos e todas as grandes instituições tinham a sua própria imprensa. A informação, para essa imprensa, não era a procura da verdade, mas sim uma forma de ganhar espaço e derrotar o próprio inimigo.

Na segunda metade do século XX, em particular nos últimos anos, após o fim da Guerra Fria, com a revolução da electrónica e da comunicação, o grande mundo dos negócios, subitamente, descobre que a verdade e a luta política não são importantes, que o que conta, na informação, é o espectáculo. E, uma vez criada a informação-espectáculo, podemos vendê-la por toda a parte. Quanto mais espectacular é a informação, mais dinheiro podemos ganhar com ela.

Deste modo, a informação separa-se completamente da cultura: começa a flutuar no ar; quem tem dinheiro pode adquiri-la, difundi-la e ganhar ainda mais dinheiro. Portanto, estamos agora a viver uma era de informação absolutamente diferente. Este é o novo facto da situação actual.

E é o motivo por que, de repente, à frente das grandes cadeias televisivas, encontramos pessoas que nada têm a ver com o jornalismo, que são apenas grandes homens de negócios, ligados a grandes bancos ou companhias de seguros, ou a qualquer outra instituição com muito dinheiro. A informação começou a «render», a render rapidamente.

Portanto, actualmente está a entrar cada vez mais dinheiro no mundo da informação.

Há ainda outro problema. Há quarenta, cinquenta anos atrás, um jovem jornalista podia ir ter com o seu chefe e expor-lhe os seus problemas profissionais: como escrever, como fazer uma reportagem na rádio ou na televisão. E o chefe, que geralmente era mais velho que ele, falava-lhe da sua experiência e dava-lhe bons conselhos.

Agora tentem ir ter com o Sr. Turner, que nunca foi jornalista na vida e raramente lê jornais ou vê televisão: não poderá dar-vos conselho algum, pois não faz a menor ideia de como se exerce o nosso ofício. Não tem por finalidade ou princípio melhorar a nossa profissão, mas sim ganhar mais.